

CONTRIBUIÇÕES DA MÍSTICA DO MST: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E EDUCATIVA

CONTRIBUTIONS OF MST'S MYSTICISM: A HISTORICAL AND EDUCATIONAL APPROACH

APORTACIONES DE LA MÍSTICA DE MST: UN ENFOQUE HISTÓRICO Y EDUCATIVO

Elane Rodrigues de Oliveira¹

Resumo

Este trabalho apresenta a mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) a partir de suas manifestações concretas, capazes de expressar de forma realista a conjuntura de luta social na qual o movimento se envolve, em que medida a mística é constituidora de elementos para o fortalecimento dos processos de formação humana no MST. Para tal, fizemos uso da metodologia baseada na pesquisa bibliográfica, com análise da produção teórica formulada a respeito do tema. Nesse sentido, procuramos construir um panorama que permitisse ao leitor compreender os diferentes espaços e circunstâncias em que a mística deve-se dar, de acordo com o MST, nos espaços formais e informais. Buscamos demonstrar as concepções, elementos simbólicos, estéticos e desafios para a efetivação dessa prática. Concluímos, portanto, que a mística do MST se constitui em uma importante ferramenta na formação humana e identitária dos sujeitos sem-terra. Sendo assim, esse artigo pretende evidenciar a contribuição da mística para a consolidação do MST como projeto contra-hegemônico em sua luta pela reforma agrária.

Palavras-chave: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; mística; formação; educação do campo.

Abstract

This paper presents mysticism in the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), considering its concrete manifestations, which are capable of realistically expressing the conjuncture of social struggle in which the MST is involved, and that this mysticism constitutes elements for strengthening the processes of human formation in the movement. To this end, we used a methodology based on bibliographical research, analyzing the theoretical works formulated on the subject. We tried to build a panorama that would allow the reader to understand the different spaces and circumstances in which this mysticism, according to the MST, should take place, in formal and informal spaces. It is important to show the conceptions, symbolic and aesthetic elements, and challenges for the realization of this practice. This article aims to highlight the contribution of this mysticism to the consolidation of the MST as a counter-hegemonic project in its struggle for an agrarian reform. The study concludes that the mysticism of the MST is an important tool in the human and identity formation of landless subjects.

Keywords: Landless Workers Movement; mysticism; formation; countryside education.

Resumen

Este trabajo presenta la mística del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra a partir de sus manifestaciones concretas, capaces de expresar de forma realista la lucha social en la que el movimiento está involucrado, y en qué medida la mística se constituye de elementos para el fortalecimiento de los procesos de formación humana en el MST. Para ello, utilizamos una metodología basada en la investigación bibliográfica, analizando la producción teórica formulada sobre el tema. En ese sentido, buscamos construir un panorama que permitiera al lector comprender los distintos espacios y circunstancias en que la mística debe tener lugar, según el MST, es decir, los espacios formales e informales. Buscamos demostrar las concepciones, los elementos simbólicos y estéticos y los desafíos para la efectuada de esa práctica. Concluimos, por lo tanto, que la mística del MST es una herramienta importante en la formación humana e identitaria de los sujetos sin tierra. Así, este

¹ Mestre em Educação. Doutoranda em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0637114479666075>. E-mail: elane.oliveira1108@gmail.com

artículo pretende destacar la contribución de la mística a la consolidación del MST como proyecto contrahegemónico en su lucha por la reforma agraria.

Palabras clave: Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra; mística; formación; educación del campo.

1 Introdução

O presente artigo pretende contribuir para uma abordagem ainda pouco desenvolvida no campo dos estudos dos movimentos sociais no Brasil: analisar a mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a possibilidade de contribuir para a formação humana de sujeitos históricos no âmbito do MST, assim como o papel que a mística pode ter na construção do ideário dos lutadores diante dos desafios que se apresentam à classe trabalhadora para o enfrentamento do capital, visamos entender a mística nos acampamentos, assentamentos, assembleias, encontros, escolas, isto é, nos espaços ditos formais e informais, considerando que a mística tem um papel fundamental e de destaque na dinâmica do MST.

Na década de 1980, frente aos embates daquela época surge o MST, um processo de mobilização dos camponeses durante a ditadura militar, tornando-se um dos maiores movimentos sociais do mundo e, no Brasil, construiu uma sólida organização em quase todos os estados da federação — diria que é o movimento de maior importância social na luta por direitos pela reforma agrária, o maior movimento nacional na luta contra o envenenamento produzido pelo agronegócio:

O MST se diz herdeiro das diversas experiências de luta pela terra no Brasil, desde a luta dos indígenas contra os colonizadores portugueses, no século XVI, a resistência dos negros nos quilombos, dos camponeses de Canudos, das Ligas Camponesas na década de 1960 e dos diversos movimentos dos camponeses que lutaram contra a ditadura e pela democratização da sociedade brasileira. Também adiciona a sua herança política as contribuições da esquerda internacionalista e da Igreja Católica através da Teologia da Libertação. Desse manancial surge um movimento que em seu 1º Congresso propõe a “lutar pela terra, pela reforma agrária e pelo socialismo” (Silva, 2017, p. 1).

Segundo Silva (2017, p. 1), “internamente, o MST possui um conjunto de práticas, normas, valores e regras que são particulares à sua organização, dentre elas a prática da ‘mística’”.

A escolha da mística do MST como objeto de estudo se justifica pela expressividade do movimento social e, sobretudo, pela centralidade da mística na sua organização política, especialmente na luta pela terra e pela reforma Agrária. No MST, é comum se ouvir falar em mística, seja nos encontros, acampamentos, ocupações e nos materiais produzidos pelo movimento, dentre outros espaços. Em determinados espaços, quando se fala na mística

praticada pelo MST, é trivial as seguintes indagações: O que é mística? Como se constrói uma mística? Qual o objetivo da mística? Quais as possíveis contribuições da mística para o fortalecimento dos processos de formação humana no MST?

São muitas as perguntas que surgem sobre a mística; não é nosso objetivo responder a todas neste texto, assim, abrimos leque para outras pesquisas. Com base nos estudos realizados, buscamos enunciar um pouco daquilo que vem se desenvolvendo acerca de tal questão. A partir disso, nosso objetivo é evidenciar as possíveis contribuições da mística do MST para o fortalecimento dos processos de luta e formação dos sujeitos sem-terra.

Para a elaboração do texto, adotamos a metodologia crítica dialética; assim, partimos de uma abordagem qualitativa com foco descritivo; na pesquisa documental, resgatamos materiais produzidos pelo movimento, além do levantamento bibliográfico (livros, dissertações, artigos etc.) sobre a temática em questão: a mística no MST. Recorremos, então, às reflexões de autores como Boff e Betto (1996), Coelho (2010), Figueiredo e Silva (2021), Stédile e Fernandes (2012) e Vieira, Santos e Costa (2010), dentre outros. Para tanto, o artigo está estruturado em duas partes. No primeiro tópico, intitulado “A mística do MST”, são apresentados aspectos relacionados ao surgimento do MST e às contribuições religiosas, sendo que é nestas experiências que se encontram as raízes da mística, a partir das quais a prática da mística ganha novos sentidos e torna-se frequente na organização. Buscamos compreender o significado da mística, os recursos utilizados e a sua prática nas diferentes instâncias que abrange o movimento. Na sequência, “A mística no processo de formação de sujeitos e educadores do campo”, é apresentada a possibilidade da mística como instrumento pedagógico para além dos espaços informais do MST, com destaque às escolas e espaços de formações superiores de certa forma frequentadas por sujeitos do campo, reafirmando a sua identidade e resistência como parte da construção do conhecimento.

2 A mística do MST

O MST surge no início da década de 80 e se torna um movimento de organização coletiva e de massa, tendo como principal bandeira a luta por reforma agrária, seguida pelo interesse na educação revolucionária e libertadora. Para sua organização, o movimento contou com as contribuições da Comissão Pastoral da Terra (CPT), constituída por líderes e camponeses da Igreja Católica, principalmente aqueles engajados nas mobilizações sociais (Figueiredo; Silva, 2021). Nesse sentido, João Pedro Stédile e Bernardo Fernandes (2012) afirmam que o MST nasce, então, das inquietudes dos religiosos adeptos da Teologia da

Libertação diante das injustiças no campo. Por conta dessa experiência o MST encontrou as raízes de uma das suas dimensões enquanto movimento social: a mística. Antes de adentrarmos na temática mística, requer-se que entendamos a concepção e o processo educativo do MST, pois a sua luta social se baseia numa educação de perspectiva libertadora e revolucionária, como salientam Stédile e Fernandes (2012).

O MST carrega em sua história sequelas da ditadura militar e a luta por reforma agrária. O movimento também tem como bandeira de luta o interesse pela educação revolucionária e libertadora, e em sua base teórica há autores como Marx, Lenin, Makarenko, Krupskaja, Paulo Freire, Florestan Fernandes e Josué de Castro, além dos teólogos Leonardo Boff e Frei Betto (Stédile; Fernandes, 2012). Desse modo, além das formações políticas comuns nos movimentos sociais, no MST a educação escolar se torna pauta essencial que vai além da luta pela terra e passa por pensar/contribuir para o processo de emancipação dos sujeitos do campo através da educação do campo. Com isso, o MST passa a lutar pela criação de escolas para seus acampamentos e assentamentos; luta que também se dá contra o fechamento das escolas do campo, escolas de modelo rural, apresentando outra proposta ao construir um projeto educativo diferente daquele imposto pela sociedade capitalista.

Sendo assim, o MST defende que “a educação precisa assumir as tarefas que lhe cabem neste processo de fortalecimento da nossa organicidade, de clareza do projeto político dos trabalhadores e de construção prática e cotidiana da sociedade da justiça social e da dignidade humana” (MST, 1997, p. 3). Com isso, “não esconde o seu compromisso em desenvolver a consciência de classe e a consciência revolucionária, tanto nos educandos como nos educadores” (MST, 1997, p. 6). Para tal, o movimento

apresenta uma educação que ultrapassa os muros da escola e as próprias cercas dos acampamentos e assentamentos, compreendendo a Educação como um fenômeno que contribui para a constituição de projetos outros de sociedade, mormente, que coloquem as dimensões do ser humano no centro de sua proposta educativa, ou seja, uma formação para a cidadania que contemple a emancipação do povo político para o reconhecimento das estruturas sociais, para a busca por superações da desigualdade e das de negações (Figueiredo; Silva, 2021, p. 6).

Nessa perspectiva, Miguel Arroyo (2012) afirma que o MST é um sujeito coletivo e educativo, pois está preocupado, em seu interior, em formar o cidadão por meio das mais variadas atividades, nesse caso específico, através da prática da mística, e que essa prática possa ocorrer em diferentes lugares: nas ocupações, reuniões, encontros, marchas, formações, escolas etc. Trata-se de uma formação emancipatória que possibilite reflexão e compreensão da realidade social, para então poder intervir nela. A partir da breve exposição sobre as

compreensões do MST acerca da formação escolar e política da sua militância, retomamos a temática mística enquanto prática sociopolítica e suas contribuições no processo de formação humana a partir daquilo que defende o MST.

Os estudos realizados por Fabiano Coelho (2010) indicam que as primeiras publicações sobre a mística do MST somente surgiram no ano de 1991 e tinham como propósito problematizar ideias e valores fundamentais do movimento. A partir disso, em todas as atividades do movimento é necessário que a mística se faça presente, seja nos espaços de “estudo, discussão, organização, planejamento, avaliação ou intervenção direta” (Silva, 2017, p. 3), destacando-se por causar diferentes sentimentos e significados que envolvem a todos, a partir daquilo apresentado pelos militantes e almejado por todos: a luta por uma sociedade melhor. Assim, a mística se tornou uma importante prática educativa de maneira a reafirmar a identidade coletiva e o pertencimento que esta produz, assim como auxiliar na luta social.

A prática da mística acompanha a organização do MST desde suas primeiras mobilizações e teve como principais incentivadores os “agentes religiosos” que apoiavam e prestavam assessoria ao movimento, “marcado por uma profunda influência da Teologia da Libertação, expressão da reflexão cristã desenvolvida no interior da igreja católica Latino-Americana a partir dos anos 60 do século passado” (Figueiredo; Silva, 2021, p. 6). De acordo com Leonardo Boff e Frei Betto, a mística é própria de cada ser humano:

a necessidade de sonhar é intrínseca a cada um de nós. E não é só isso: é também o desejo de nos suplantar, de nos superar. O humano é um ser que não cabe em si mesmo. Daí que a experiência mais profunda do ser humano é aquela que o arranca de si mesmo em direção a um outro — a experiência do amor. A isso a tradição cristã chama “mística” (Boff; Betto, 1996, p. 115-116).

A mística voltada ao cristianismo “orienta-se pelo seguimento de Jesus, que supõe compromisso para com os pobres, compromisso com a transformação social” (Figueiredo; Silva, 2021, p. 7). Para Leonardo Boff e Frei Betto, “a mística cristã apresenta-se como uma mística política-libertadora contemplativa. Ela não aceita o mundo como está; quer mudá-lo e reconstruí-lo sobre a base da partilha, da solidariedade, da fraternidade/sororidade, do trabalho, do lazer e da veneração face ao mistério da criação” (Boff; Betto, 1996, p. 23).

No sentido sociopolítico, os autores apresentam a mística como uma utopia, de modo que “mobilizam as pessoas e os movimentos na vontade das mudanças, inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança em face dos fracassos históricos” (Boff; Betto, 1996, p. 24).

Dessa maneira, a mística assim compreendida provoca revolta nas pessoas, de modo que não aceitem a situação vigente; com isso, ela se torna uma espécie de energia e vontade de transformar a realidade. É essa mística “que faz aceitar as derrotas com honra e que é motor secreto de todo o compromisso, aquele entusiasmo que anima permanentemente o militante, aquele fogo interior que alenta as pessoas na monotonia das tarefas do cotidiano” (Boff; Betto, 1996, p. 24). O MST compreende a mística de forma dinâmica, levando em consideração o sujeito coletivo e a realidade sociopolítica.

Sem negar que a mística tem suas raízes na Teologia da Libertação, “o MST ressignificou o seu fazer em torno de suas lutas, interesses e objetivos. É possível dizer que o Movimento começou a investir numa mística própria” (Coelho, 2010, p. 263). Nesse contexto, o MST ressignifica o conceito de mística visando a formação e o fortalecimento da identidade dos sem-terra:

Por mais que reconhecesse a influência religiosa nessa prática, o MST procurou desvincular a sua mística do âmbito religioso. O Movimento também buscou teorizá-la, no intuito de construir sentidos para o seu fazer nas atividades desenvolvidas pelos sujeitos. À medida que a mística ganhava destaque, houve a necessidade de se refletir mais profundamente sobre ela, fato este que ocorreu na década de 1990 em diante. O Movimento teve uma preocupação intensa em orientar e construir recomendações de como deveria ser o seu desenvolvimento (Coelho, 2010, p. 263).

Stédile e Fernandes (2012) salientam que a mística do MST serve ao movimento que se organiza na luta social, motivando-os em suas lutas:

[...] fomos construindo maneiras de fazer mística a partir de uma maior compreensão. Antes só imitávamos: “A Igreja usa determinada liturgia mística para manter a unidade em torno do projeto do Evangelho”. Quando forçávamos a cópia, não dava certo, porque as pessoas têm de ter o sentimento voltado para algum projeto. A partir dessa compreensão, em cada momento, em cada atividade do movimento, ressaltamos uma faceta do projeto como forma de motivar as pessoas (Stédile; Fernandes, 2012, p. 133).

O MST encontra na mística a força para enfrentar e superar as dificuldades cotidianas, “[...] como se uma energia misteriosa tocasse cada um, lentamente as coisas vão se colocando novamente e a luta recomeça com maior força. Esta energia que nos anima para seguir em frente é o que chamamos de ‘mistério’ ou de ‘mística’ [...]” (Bogo, 1999, p. 127). Por isso, incentiva os seus militantes a ter a mística como prática essencial nas suas atividades: “queremos que ela seja exercida em todos os setores, instâncias, escolas, cooperativas, acampamentos e assentamentos [...]; queremos que ela seja exercitada por outras organizações que têm os mesmos ideais e propósito de construir uma sociedade socialista” (MST, 1991, p. 15).

Em síntese, Stédile e Fernandes (2012, p. 132) afirmam que “a mística é uma prática que o movimento desenvolve. De certa forma, é seu alimento ideológico, de esperança e de solidariedade. A mística, para o MST, é um ritual. Ela tem um caráter histórico, de esperança, de celebração permanente”. Na concepção de Coelho (2010, p. 213), a mística “precisa ser vivenciada na prática cotidiana. É possível dizer que a sistematização da mística por parte do MST teria como fundamento produzir efeitos na prática cotidiana dos sujeitos”.

Assim como outras práticas, a mística foi sendo apropriada e ganhou importância dentro do movimento. A prática se dá em lugares variados, como os acampamentos, assentamentos, encontros, congressos, feiras, escolas etc., ou seja, nas diversas manifestações que o MST empreende. De maneira geral, é praticada em forma de teatro, contendo canções, poemas e diversos elementos simbólicos em seu interior (Coelho, 2010). O autor compreende ainda a mística como uma “prática cultural e política” no MST, realizada de forma diversa e plural. Nesse viés, Coelho entende que a mística tem se tornado um “elemento estratégico” ao possuir intencionalidades nos diferentes espaços em que é realizada.

Silva (2017, p. 3) explica que “embora tenha um grupo para planejar a mística, ela sempre envolve a todos e lança mão de variados recursos como cenários, figurinos, músicas, poesias, danças, cartazes, altares e bandeiras do MST”. Também compõem esse cenário os livros, os frutos do trabalho do campo como a terra, a água, as sementes, as frutas, as plantas e ferramentas que o trabalhador utiliza na lida do campo como foice, enxada, facão, entre outros, que representam os símbolos do movimento e a luta dos trabalhadores sem-terra. A mística se dá em diferentes momentos, seja no início, no meio ou no final das atividades. Junto a isso, “geralmente há uma encenação que denuncia o cotidiano de opressão, exploração e dominação ao mesmo tempo em que celebra a solidariedade de classe, a unidade na ação política e renova a necessidade de manter viva a luta pelo socialismo” (Silva, 2017, p. 3). Diante disso, ressalta Silva que “a mística tem uma estética e uma simbologia que expressa a concepção de mundo e o projeto político que orienta a luta do MST”; nela é possível identificar “elementos de afirmação, contestação e negação da ideologia dominante quanto a criação de uma nova matriz ideológica que seja identificada com a luta de emancipação da classe trabalhadora” (Silva, 2017, p. 3). A mística

também questiona a ideologia presente nos diversos Aparelhos Ideológicos de Estado quando denuncia o compromisso da mídia com o bloco no poder, os projetos educacionais discriminatórios, a destruição do meio ambiente e a criminalização das formas de luta dos trabalhadores. Tudo representado com a linguagem discursiva dos próprios trabalhadores, de modo que quem assiste compreende e se sente representado porque vive o que é retrat[ad]o, porque almeja um mundo melhor e porque se sente sujeito da transformação (Silva, 2017, p. 8).

Com a mística, o movimento cria suas visões de mundo, estabelece quais são seus valores e ideais, expressa o que espera de seus integrantes, legitima a luta pela terra e ressalta quem são seus aliados e inimigos na batalha. A prática da mística se tornou muito valorizada para o MST pelo fato de que por meio dela o movimento consegue se comunicar eficazmente com os sujeitos (Coelho, 2010). Dessa maneira, a prática da mística se tornou elemento significativo para a organização do Movimento, proporcionando sentidos para a vida daqueles que o integram.

De acordo com Coelho (2010, p. 178), “o MST se utiliza da mística para construir sua imagem e posição na estrutura social. Na mística, sempre se procura destacar o Movimento como *herdeiro* das lutas sociais históricas no campo, e construir representações negativas sobre os inimigos da organização”. Nesse sentido, a mística busca apresentar uma “lógica histórica” em que são retratadas a opressão e a violência vivenciadas pela classe trabalhadora desde o período da colonização brasileira até os dias atuais, revivenciando os mártires na luta pela terra e, a partir disso, construindo a memória histórica do movimento.

Nesse sentido, a mística tornou-se uma prática educativa que fortalece não só o indivíduo para a luta, como o processo de humanização do sujeito ao cultivar o seu enraizamento humano por meio do trabalho com a memória coletiva. Por isso, nas apresentações da mística é comum vivenciar a relação passado, presente e futuro, fortalecendo a própria história.

Para Allan Figueiredo e André da Silva (2021),

[...] a prática da Mística nos espaços/tempos educativos do MST oportuniza aos sujeitos se perceberem como seres humanos, conscientes de sua presença no mundo, podendo “saborear a boniteza das possibilidades com posicionamentos revolucionários e de confiança, alicerçada no verbo esperar” (Figueiredo; Silva, 2021, p. 15).

Rafael Bellan de Souza (2012) entende que a mística

é um recurso valioso na formação dos sujeitos históricos [...]. Junto a outros recursos formativos, ela tem o poder de ampliar a consciência dos militantes, ao mesmo tempo em que pode elaborar uma ideologia emancipatória capaz de se opor à ideologia dominante e reafirmar o sujeito como apto a lutar por uma sociedade coordenada pelos produtores livremente associados (Souza, 2012, p. 12-13).

Souza (2012) afirma que, ao adotar a mística no seu cotidiano, o MST retirou o caráter religioso e transformou-a em importante instrumento político-educativo de leitura da realidade concreta, a partir da qual provoca “uma mudança política, anima o sujeito e o habilita para sua práxis, evidenciando de forma realista os passos a serem seguidos pelos sujeitos” (Souza, 2012,

p. 12). Dessa maneira, além de contribuir nos processos formativos do próprio MST, a mística é uma importante colaboração do MST para os outros movimentos que também a adotaram como instrumento de motivação para a luta e o entendimento da realidade em que vivem.

3 A mística no processo de formação de sujeitos e educadores do campo

Entendido o que é a mística e seus objetivos, neste tópico objetivamos refletir e evidenciar as possibilidades da realização da mística para além dos espaços informais² do MST, isto é, trataremos aqui da mística nos espaços formais³, como as escolas de educação básica e os cursos superiores da educação do campo, e da mística como instrumento pedagógico, a fim de reafirmar a identidade do movimento e de sua militância, sendo esta uma prática que vem sendo desenvolvidas em espaços em que há atuação do MST. Para isso, tomamos como base o estudo realizado por Maria Leliana Vieira, Maria Vanuzia dos Santos e Wilma Vieira da Costa (2010) a fim de compreender a experiência da mística no espaço de curso superior. No caso das autoras, parte-se do curso de Pedagogia da Terra, a mística sendo entendida como elemento pedagógico no processo de ensino aprendizagem na formação do educador do campo.

Também nos debruçamos sobre o estudo de Ozana Luzia Baldotto e Ailton Pereira Morila (2020), sendo parte de uma pesquisa realizada no mestrado em que foram contextualizados os elementos pedagógicos das propostas pedagógicas de escolas do campo localizadas no estado do Espírito Santo. Entre os elementos pesquisados estava a mística, considerada pelos autores essencial no projeto pedagógico das escolas por possibilitar o envolvimento dos diversos povos do campo na construção e fortalecimento desse projeto.

Nota-se que a educação do campo nasceu através de mobilizações e pressões dos movimentos sociais do campo na luta por políticas públicas que atendessem as necessidades dos sujeitos do campo de acordo com o seu contexto social, cultural e identidade. Assim sendo, apesar de ser parte daquilo que o MST almeja, dificilmente encontraremos práticas da mística nos espaços formais, como as escolas do campo e os cursos de formação de professores do campo, a fim de reafirmar a identidade coletiva do movimento. Ainda que seja uma prática rara de se encontrar nesses espaços, há estudos que relatam a prática da mística como parte do fazer pedagógico das escolas e cursos, como veremos adiante.

² Para maior aprofundamento sugere-se o estudo da dissertação de Luciano Carvalho Barbosa (2019), em que o autor discute a mística em diferentes espaços, como congressos, feiras e ocupações do MST, dentre outros.

³ Para maior aprofundamento nos estudos, além dos textos já mencionados sugere-se a dissertação de Andréa Freire de Carvalho (2013), que discute a mística em sala de aula.

Coelho (2010) destaca que o MST explicitava a necessidade de se praticar a mística no âmbito escolar nos assentamentos e acampamentos em que há escolas e educadores ligados ao movimento. O autor salienta que em seus estudos foi possível constatar essa preocupação no MST e relata que nos materiais ligados ao setor de educação, publicados a partir da década de 1990, já aparecia a necessidade de se trabalhar a prática da mística nas escolas de assentamentos; cita então, o Boletim da Educação nº 1, intitulado “Ocupar, resistir e produzir também na educação”, produzido pelo MST em 1992.

Segundo Coelho (2010), na cartilha

estão contidos dez princípios que as escolas de assentamentos precisavam cumprir, almejando o êxito no desenvolvimento de sua proposta pedagógica. Estes princípios iriam desde a organização dos espaços escolares, até as concepções pedagógicas libertadoras, das quais o MST cultivava. O nono princípio é: Escola e Mística. As orientações sobre este princípio eram claras, tendo em vista que a escola de assentamento deveria ajudar a formar militantes e “exercitar a mística do Movimento”. Como em diversos materiais do Movimento, é atribuído à mística o caráter de mistério, como se fosse responsável em animar as ações dos sujeitos, despertando os sentimentos, os sonhos, as alegrias, a rebeldia e o ódio contra as injustiças sociais. Sendo pensada pelo MST, a mística nos assentamentos necessitaria expressar a crença em seus projetos (Coelho, 2010, p. 218).

O autor destaca ainda outras publicações do movimento que tratam da questão da mística nas salas de aula, seja para contribuir para a discussão da proposta de educação do MST ou para o trabalho dos professores nas escolas de assentamento e acampamento. Ele relata que nas publicações também eram fornecidas “informações sobre como era visualizada a prática da mística nas escolas de assentamento e como ela necessitava ser desenvolvida” (Coelho, 2010, p. 219). Segundo o autor, para o MST, “quanto mais cedo as crianças comessem a se engajar na construção do novo projeto, mais amor pegariam”. Nessa perspectiva, o movimento objetivava que as práticas das místicas fizessem com que crianças participassem das atividades e criasse um sentimento de pertencimento ao movimento, preparando-se, dessa forma, para assumir as tarefas da organização. Sendo assim,

o trabalho da Escola é participar deste processo. Refletir com as crianças. Explicar o porquê das ações. Trabalhar com elas os sentimentos de medo, de revolta, mas também de conquista, de entusiasmo e de aventura que vivem. E, principalmente, nos Assentamentos, onde a vida fica mais estável não deixar que morram estas lições da luta (MST, 1992, p. 15 *apud* Coelho, 2010, p. 219).

Sendo assim, exercitar ou praticar a mística era “um dos desafios importantes que a Escola poderia enfrentar na intenção de formar militantes”, além de animar para a luta. Dessa forma, a mística passaria, então, a ser visualizada como um dos pilares fundamentais nas escolas

do MST. Em relação aos conteúdos da mística, a orientação era para que se trabalhassem “os valores da justiça, igualdade, da liberdade, o companheirismo, a solidariedade, a resistência. O sonho de uma vida digna. O sonho de uma nova sociedade, de uma nova educação, de um novo homem e de uma nova mulher” (MST, 1992, p. 15 *apud* Coelho, 2010, p. 219).

A partir disso, no processo histórico do MST este tem se preocupado cada vez mais com a educação e muitos dos seus materiais fazem referência à necessidade de se desenvolver a mística nas escolas: “é expresso que a mística deveria ser um componente pedagógico nas escolas, estimulando os educandos a participarem das lutas dos trabalhadores, e ‘na formação da consciência de classe’” (MST, 1996, p. 16 *apud* Coelho, 2010, p. 220).

De acordo com Vieira, Santos e Costa (2010), a mística é uma identidade própria do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, sendo o principal movimento social do campo no Brasil que tem a mística como parte da formação humana dos trabalhadores do campo, tanto em seus espaços de formação política como nas escolas. Em tal estudo, as autoras buscaram relatar experiências vivenciadas na mística como processo de formação de educadores do campo, no curso de graduação em “Pedagogia da Terra” no estado de Sergipe. Destaca-se o fato de que “os sujeitos acadêmicos, antes de serem universitários, são Sem Terra. Oriundos de assentamentos [...] tem a marca no campo e da sua luta, posto que foi essa luta que nos fez ocupar o latifúndio do saber” (Vieira; Santos; Costa, 2010, p. 3), fato que também contribuiu para uma forma diferenciada na organização de cursos de formação de professores do campo em relação aos outros cursos regulares, mormente por ter a mística como parte integrante da construção do conhecimento na formação humana.

Dessa maneira, a mística tem esse potencial de desenvolver nos seus militantes, sobretudo nos participantes de cursos para educadores do campo, a consciência crítica e a resistência frente às dificuldades e injustiças sociais, ocorram elas na educação ou na luta pela terra ou por outros direitos que historicamente foram e continuam sendo negados, não obstante as conquistas já alcançadas pelos sujeitos do campo. Desse modo, a mística permite um novo fazer, “a partir do instante em que no espaço acadêmico se permite demonstrar nossos anseios, ideias e indignações que ocorrem na sociedade capitalista em que vivemos que exclui os trabalhadores da terra e do conhecimento” (Vieira; Santos; Costa, 2010, p. 3).

Logo, os momentos da mística são de reflexão e encorajamento na busca de ações que promovam transformações da realidade social e contribuam para a formação de um sujeito crítico e reflexivo perante a sociedade. Segundo Vieira, Santos e Costa (2010, p. 5-6),

a mística é um dos componentes formadores do educador do campo que [o] diferencia do modelo de educador que tem princípios urbanistas[,] mesmo os que atuam no campo[,] por não terem uma formação voltada para a realidade do campo. Neste sentido é que a mística contribui no processo de formação de um educador do campo para atuar no campo respeitando sua identidade. Assim, esse modelo de formação de educadores do campo “diferenciada” nos permite enxergar a educação para além do espaço escolar e trazer para sala de aula um modelo de educação que seja contundente com a realidade educacional dos sujeitos do campo.

Nessa perspectiva, “a mística no processo de ensino aprendizagem do educador do campo é compreendida como elemento formador ideológico, cultural e da identidade Sem Terra” (Vieira; Santos; Costa, 2010, p. 6). Elas ressaltam ainda que, no decorrer do curso, a pedagogia da mística se torna presente como momentos de renovação dos ânimos, superação individual e coletiva da convivência diária tanto no espaço acadêmico como na comunidade, permitindo-lhes fazer a autocrítica, reavivando a esperança, o sentimento e a reflexão. Além disso, os acadêmicos relatam que “a mística tem o objetivo de mobilizar para as lutas nas quais historicamente temos travadas na sociedade excludente na qual estamos inseridos” (Vieira; Santos; Costa, 2010, p 7).

Dessa maneira, “a mística faz-se presente na Educação do Campo como um elemento pedagógico importante na produção e ressignificação do conhecimento, sobretudo no reconhecimento da identidade coletiva, da memória e, como fortalecimento da luta do Movimento pela Educação do Campo” (Baldotto; Morila, 2020, p. 267).

Nesse contexto, quando o assunto é a educação básica, Baldotto e Morila (2020) destacam a existência de um movimento dentro das escolas do campo, no qual a mística é compreendida enquanto elemento pedagógico de suma importância na produção e ressignificação do conhecimento. Os autores relatam que a partir dos estudos desenvolvidos foi possível perceber a mística do ambiente escolar por meio da organização do espaço com simbologia do campo e afirmam, ainda, que a mística esteve presente em mais duas escolas que estavam desenvolvendo atividades relacionadas ao plano de estudo com os estudantes (Baldotto; Morila, 2020).

Seguem os autores que “as escolas utilizam a mística como um elemento pedagógico no cotidiano escolar no processo formativo dos estudantes. No entanto, cabe destacar que não se trata de utilizá-la como uma tarefa ou dinâmica, minimizando o sentido desse elemento” (Baldotto; Morila, 2020, p. 271). Logo, os estudos realizados destacam que a mística se dá de diferentes formas, em diferentes momentos e lugares e com diferentes intencionalidades, mas com um objetivo em comum: fortalecer a luta social e a consciência crítica.

Por outro lado, Caldart *et al.* (2013, p. 348) chamam a atenção para o cuidado com a mística de modo que ela não perca o seu “sentido originário de motivação, de animação, seja para a luta, seja para outras tarefas, como a do estudo”. Dessa maneira,

a utilização da mística enquanto elemento pedagógico requer uma fundamentação, preparação e atenção especial pelo coletivo escolar, resguardando sempre o seu sentido [...] na Educação do Campo, esse ideal se direciona à “ocupação” das escolas do campo com o projeto específico discutido com o povo que vive no campo (Baldotto; Morila, 2020, p. 272).

Assim, a mística enquanto prática pedagógica “está presente como um elemento que sustenta essa ação no cotidiano escolar” (Baldotto; Morila, 2020, p. 274).

Tomando formas e sentidos de um movimento de luta e denúncias, a mística tornou-se um elemento pedagógico de fundamental importância, nesse caso específico, para o MST e para a modalidade educação do campo, sendo utilizada como estratégia de luta e consolidação da identidade dos sujeitos do campo, bem como fomentando o processo de aprendizagem (Baldotto; Morila, 2020). Tratando-se da mística nos diferentes espaços que envolvem o MST, além dos já mencionados, cabe destacar outros espaços formativos em que ocorre a mística como prática do movimento, como os cursos de licenciatura e especialização em educação do campo, o Instituto de Educação Josué de Castro (RS), a Escola Nacional Florestan Fernandes (SP), entre outros.

4 Considerações finais

O MST em todo seu percurso constituiu-se como o maior movimento social da história brasileira. Apesar dos inúmeros ataques sofridos, o movimento mantém-se firme na luta contra o agronegócio e o modelo de desenvolvimento que ameaça e destrói a classe trabalhadora. Dentre as práticas adotadas pelo movimento desde as suas primeiras mobilizações está a mística, fruto do contato com grupos religiosos; contudo, aquilo que era uma herança religiosa foi sendo apropriado pelo MST com o tempo, dando-lhe novas formas e sentidos, ressignificando o fazer da mística em torno de suas lutas, interesses e objetivos.

As místicas tornaram-se elemento estratégico para o MST. Também consideradas como ferramentas de enorme potencial pedagógico, fazem parte dos elementos pedagógicos formadores de educadores sociais e das escolas do campo, que buscam manter viva a memória de um povo, valorizando e respeitando a identidade e as particularidades desses sujeitos do campo, possibilitando o conhecimento, a reflexão, a crítica e a sensibilização das pessoas em seu compromisso social, caracterizando a mística enquanto ferramenta revolucionária. Por isso,

o MST defende que ela deve estar em todos os espaços e circunstâncias que envolvem o movimento. Entende-se que a mística não deve ser realizada apenas em encontros, congressos e outros eventos de sua organização, devendo ir além; o MST acredita que sua prática necessita também estar presente no espaço escolar e/ou acadêmico, por ser sujeito inserido em contexto social que tem a mística em sua essência.

Diante disso, é possível evidenciarmos que a mística é um importante instrumento de luta para o enfrentamento dos desafios colocados ao movimento e fundamental mecanismo na prática formativa de consciência dos lutadores, entendida, ainda, como parte de um projeto socialista de formação, que anima o sujeito e o habilita para sua práxis. Para o MST, sem essa força, sem esse sentimento de pertença que agrega as pessoas em torno de um coletivo, de um movimento, fica cada vez mais difícil resistir a um contexto de ofensiva da classe dominante.

Enfim, temos a compreensão de que os assuntos aqui abordados nestas poucas páginas necessitam de maiores discussões, não sendo possível abordar todas neste artigo; contudo, esperamos ter contribuído para o entendimento e as possibilidades de interpretação sobre a mística e sua prática no MST enquanto processo formativo da sua militância, de modo a encorajá-los à luta e a superar as adversidades, ainda que a mística possua em si significados inexplicáveis. Assim sendo, esperamos instigar o leitor a aprofundar os estudos dessa temática, ou seja, espera-se que os pontos aqui levantados, sobretudo, a mística enquanto processo formativo nos espaços formais e informais, sejam porta de entrada para outras pesquisas, de modo que a contribuir para a luta social.

Referências

ARROYO, M. G. Prefácio. *In*: CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 9-14.

BARBOSA, L. C. **As místicas do MST**: aspectos formais, políticos e organizativos da construção estética do território. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e no Caribe) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/10e1ee22-80ce-42b0-9e6f-d7da1daa1522/content>. Acesso em: 26 jan. 2024.

BALDOTTO, O. L. G.; MORILA, A. P. A mística no contexto do movimento da Educação do Campo. **Kiri-Kerê: Pesquisa em Ensino**, Vitória, Dossiê n. 4, v. 3, dez. 2020. DOI: doi.org/10.47456/krkr.v3i4.32027. Disponível em: periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/32027/22616. Acesso em: 26 jan. 2024.

BOFF, L.; BETTO, F. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

CALDART, R. S. *et al.* **Escola em movimento**: Instituto de Educação Josué de Castro. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CARVALHO, A. F. **Interpretações socioambientais da mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4290/1/ANDREA_FREIRE_CARVALHO.pdf. Acesso em: 26 jan. 2024.

COELHO, F. **A prática da mística e a luta pela terra no MST**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2010. Disponível em: <repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/331/1/FabianoCoelho.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.

FIGUEIREDO, A. D. R.; SILVA, A. G. F. A educação e a mística no/do MST: percurso ético-político-educativo na construção de saberes e de um povo político emancipado. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 23, p. 1-19, 2021. DOI: doi.org/10.22196/rp.v22i0.6348. Disponível em: bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/6348/3512. Acesso em: 26 jan. 2024.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **A questão da Mística no MST**. São Paulo, abril de 1991.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Princípios da educação no MST**. 2. ed. São Paulo: MST, 1997. Disponível em: mst.org.br/download/mst-caderno-da-educacao-no-08-principios-da-educacao-no-mst/#. Acesso em: 30 jan. 2024.

SILVA, I. G. A mística como expressão ideológica da prática política do MST. *In*: **JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS**, 8., 2017, São Luís. **Anais [...]**. São Luís: JOINPP, 2017. Disponível em: joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo3/amisticacomooexpressaoideologicadapraticapoliticadomst.pdf. Acesso: 23 mar. 2023.

SOUZA, R. B. R. **A mística no MST**: mediação da práxis formadora de sujeitos históricos. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/f8359b45-5cee-4160-8822-04073ad2108d/content>. Acesso em: 26 jan. 2024.

STÉDILE, J. P. ; FERNANDES, B. M. **Brava gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

VIEIRA, M. L.; SANTOS, M. V. S.; COSTA, W. V. A mística no processo de formação de educadores do campo em Sergipe. *In*: **COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**, 4., 2010, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: EDUCON, 2010. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10343/76/75.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.